

Psicologia em Pesquisa

<https://periodicos.ufjf.br/index.php/psicologiaempesquisa>

Consumo de drogas como estratégia de regulação emocional durante a pandemia de Covid-19

Consumption of drugs as an emotion regulation strategy during the Covid- 19 pandemic

Consumo de drogas como estrategia de regulación emocional durante la pandemia de Covid-19

Fabiana Pinheiro Ramos¹, Luciana Bicalho Reis², Alexandra Iglesias³, Alexsandro Luiz de
Andrade⁴, Cristiane Tedesco Gandra⁵, & Evelyn Folli Costa⁶

¹ Universidade Federal do Espírito Santo. *E-mail:* fabiana.ramos@ufes.br *ORCID:* <https://orcid.org/0000-0002-2233-0305>

² Universidade Federal do Espírito Santo. *E-mail:* luciana.b.reis@ufes.br *ORCID:* <https://orcid.org/0000-0001-6173-7514>

³ Universidade Federal do Espírito Santo. *E-mail:* leiglesias@gmail.com *ORCID:* <https://orcid.org/0000-0001-7188-9650>

⁴ Universidade Federal do Espírito Santo. *E-mail:* alexsandro.deandrade@yahoo.com *ORCID:* <https://orcid.org/0000-0003-4953-0363>

⁵ Universidade Federal do Espírito Santo. *E-mail:* psicristianetedesco@gmail.com *ORCID:* <https://orcid.org/0000-0002-7829-9394>

⁶ Universidade Federal do Espírito Santo. *E-mail:* evelynfolli@live.com *ORCID:* <https://orcid.org/0000-0001-9623-7325>



Informações do Artigo:

Fabiana Pinheiro Ramos
fabiana.ramos@ufes.br

Recebido em: 21/10/2021
Aceito em: 16/10/2022

RESUMO

Analisaram-se as relações entre os estados emocionais e o uso de substâncias psicoativas (álcool, outras drogas e psicotrópicos) em 2.113 pessoas (77% mulheres) de diversos estados do Brasil que responderam um questionário on-line. Os resultados das análises estatísticas demonstraram que: 1) o uso de SPA aumentou 17,3% na pandemia, com diferença significativa para as mulheres; 2) a ansiedade, a depressão e os problemas de sono associaram-se com o aumento do uso de álcool e psicotrópicos; e 3) o uso “recreativo” de álcool permaneceu estável, mas aumentou como coping das emoções. Discutem-se as implicações para políticas públicas de saúde da população.

PALAVRAS-CHAVE:

Covid-19; saúde mental; álcool; drogas; coping; regulação emocional.

ABSTRACT

The relations between emotional states and the use of psychoactive substances - PAS (alcohol, other drugs, and psychotropic drugs) were analyzed in 2,113 people (77% women) from different states in Brazil who answered an online questionnaire. The results of the statistical analyzes showed that: 1) PAS use increased by 17.3% in the pandemic, with a significant difference for women; 2) anxiety, depression and sleep problems were associated with increased use of alcohol and psychotropic drugs; and 3) “recreational” alcohol use remained stable, but increased as emotion coping. The implications for public health policies for the population are discussed.

KEYWORDS:

Covid-19; mental health; alcohol; drugs; coping; emotion regulation.

RESUMEN

Se analizaron las relaciones entre los estados emocionales y el uso de sustancias psicoactivas (SPA) (alcohol, otras drogas y psicofármacos) en 2.113 personas (77% mujeres) de diversos estados de Brasil que respondieron un cuestionario en línea. Los resultados de los análisis estadísticos mostraron que: 1) el uso de SPA aumentó en un 17,3% en la pandemia, con una diferencia significativa para las mujeres; 2) la ansiedad, la depresión y los problemas del sueño se asociaron con un mayor uso de alcohol y drogas psicotrópicas; y 3) el consumo de alcohol “recreativo” se mantuvo estable pero aumentó al momento de afrontar las emociones. Se discuten las implicaciones para las políticas de salud pública de la población.

PALABRAS CLAVE:

Covid -19; salud mental; alcohol; drogas; afrontamiento; regulación emocional.

Em 2020, o Brasil assistiu à disseminação generalizada do novo coronavírus entre a população. A princípio identificado como originário na cidade de Wuhan (China), ainda no final de 2019, o vírus rapidamente se espalhou por países de diferentes continentes, levando a Organização Mundial de Saúde (OMS) a decretar estado de pandemia em 11 de março de 2020. Especificamente no Brasil, o primeiro caso da Covid-19 foi registrado em 26 de fevereiro de 2020, de um paciente que voltara de viagem à Itália (Brasil, 2020a). No dia 20 de março do mesmo ano, o Ministério da Saúde (MS) declarou já haver no país casos de transmissão comunitária da doença, quando o vírus já circulava entre a população local e não somente trazido de outros países (Brasil, 2020b). Nesse contexto, o país registrou até meados de maio

de 2021 mais de 15 milhões de infectados e mais de 400 mil mortos em razão da doença causada pelo coronavírus (Fiocruz, 2021).

A partir do momento em que se iniciou a transmissão comunitária da Covid-19 no país, vários governos de entes federativos (estados) começaram a implementar medidas de afastamento social, condição necessária para diminuir o contágio no caso de doenças respiratórias (Aquino et al., 2020), chegando muitos deles a adotar o *lockdown* em cidades com maior índice de transmissão da doença, a fim de reduzir sua propagação e evitar o colapso do sistema de saúde. Tais medidas de distanciamento social têm importante impacto sobre a vida cotidiana da população, com efeitos econômicos e psicossociais, inclusive de saúde mental (Chatterjee & Chauhan, 2020), o que levou alguns pesquisadores a estimarem uma segunda pandemia, a de transtornos mentais, após o término da primeira (Choi et al., 2020; Lyons et al., 2020).

No âmbito dos efeitos da pandemia, destaca-se a sobrecarga das famílias pelo acúmulo de tarefas do trabalho e da vida doméstica, em virtude da suspensão das atividades escolares das crianças, indisponibilidade de fontes de suporte social pelo risco de contaminação, dentre outros fatores (Lebow, 2020). Essa sobrecarga afeta principalmente as mulheres, devido às diferenças ainda persistentes em nossa sociedade sobre os papéis de gênero. Em pesquisa realizada com 2.641 participantes brasileiras, 50% indicaram que passaram a cuidar de alguém após a pandemia, 72% que aumentaram a necessidade de monitoramento e companhia de outras pessoas, e 41% das que seguiram trabalhando na pandemia afirmaram trabalhar mais nesse período, evidenciando tal sobrecarga (Sempreviva Organização Feminista, 2021). Assim, as diferenças de gênero já existentes na sociedade tendem a se acentuar em tempos de pandemia (Siqueira et al., 2020).

Entre os problemas de natureza predominantemente social que podem se acentuar em períodos de crises, destacam-se: a pobreza, a dificuldade de acesso aos serviços, a diminuição de redes sociais e de apoio, o aumento de violência baseada em gênero. Já é sabido, por exemplo, que, no contexto pandêmico, o país passou a conviver com o crescimento dos casos de violência doméstica contra mulheres, crianças e adolescentes (Lorente-Acosta, 2020; Marques et al., 2020). No caso dos problemas de natureza predominantemente psicológica em contextos pandêmicos, são enfatizados a depressão, a ansiedade, o estresse, o uso abusivo de álcool e de outras drogas, o transtorno de estresse pós-traumático, o luto complicado (Comitê Permanente Interagências [IASC], 2007). De qualquer forma, é preciso considerar que tais problemas estão diretamente interligados e criam desafios globais à saúde mental pública, impondo a necessidade de pesquisas e intervenção qualificada na área (Campion et al., 2020; Holmes et al., 2020).

Em revisão sistemática de estudos que avaliaram os efeitos psicológicos posteriores ao isolamento social em situações de crises sanitárias, Chatterjee e Chauhan (2020) identificaram o aumento de sofrimento psíquico, com quadros de depressão, ansiedade, suicídio, transtorno do estresse pós-traumático, irritabilidade, insônia, desapego de pessoas, baixa concentração, entre outros. Nesse mesmo sentido, também em revisão sistemática sobre efeitos sobre a saúde mental, Brooks et al. (2020) identificaram efeitos psicológicos negativos da quarentena, incluindo reações de estresse pós-traumático, raiva e confusão. Kumar e Nayar (2020) avaliam que, além do impacto do sofrimento mental ocasionado pelo distanciamento social, é preciso levar em conta que muitas pessoas podem ter dificuldades em buscar ajuda para problemas de saúde mental, em função do estigma ainda existente em torno destas condições de adoecimento (Duarte et al., 2020). Além disso, os efeitos psicológicos da situação de pandemia podem ser diferentes em função do gênero, com impactos mais severos nas mulheres (Ahuja et al., 2020; Ausín et al., 2021).

Regulação Emocional e Enfrentamento de Estressores durante a Pandemia

A pandemia de Covid-19 foi uma situação que desencadeou várias respostas emocionais tidas como negativas e desagradáveis na população, como o medo, o estresse e a ansiedade (Ornell, Schuch et al., 2020). Diante de reações e situações desagradáveis, os indivíduos utilizam estratégias de regulação emocional para preservar sua saúde física e mental (Nelis et al., 2011). A regulação emocional é uma das habilidades fundamentais para o desenvolvimento humano saudável, pois se refere a um processo no qual as pessoas utilizam diferentes estratégias para inibir, controlar, mudar ou expressar suas emoções, de forma que seus objetivos pessoais coincidam com as necessidades do ambiente (Linehan, 2018).

As estratégias adotadas por todos para lidar com os estressores presentes em nosso dia a dia configuram o que a literatura denomina como enfrentamento ou *coping* (Ramos et al., 2015). As estratégias de regulação emocional pertencem a um conjunto mais amplo de estratégias de enfrentamento possíveis, sendo focalizadas na modulação das emoções associadas a um determinado estressor, como no caso da pandemia. Cada indivíduo faz uso de recursos disponíveis em seu repertório ou contexto para amenizar as emoções negativas, por exemplo: fazer exercícios físicos, ler um livro, assistir a um filme, meditar, rezar ou orar ou, até mesmo, utilizar substâncias psicoativas. A função destas estratégias é reduzir a sensação física desagradável de um estado emocional de estresse, podendo ter um desfecho adaptativo ou mal adaptativo, tendo em vista o contexto do uso de uma determinada estratégia e seus efeitos no longo prazo (Antoniazzi et al., 1998).

No contexto do enfrentamento de estressores, como é o caso da pandemia, a avaliação que o indivíduo faz do estressor contribui com a definição das estratégias das quais se utiliza (Lazarus & Folkman, 1984). Dentre os elementos que compõem a avaliação do estressor, tem-se o *locus de controle* (Rotter, 1966), que envolve as crenças ou expectativas das pessoas de que podem (ou não) controlar o que lhes acontece. Entende-se que, quando o indivíduo não

percebe a consequência como advinda de sua ação, ele acredita no controle externo, e quando ele percebe a consequência advinda do seu próprio comportamento, acredita no controle interno. Em contextos com pouca possibilidade de mudança por parte do indivíduo, como é o caso da pandemia, em que o curso dos acontecimentos não depende apenas da ação individual, a percepção de controle tende a ser diminuída.

Relacionado com a noção de *locus de controle* está também o conceito de *autocontrole*. O *autocontrole* é definido, conforme Hanna e Todorov (2002), como a escolha pela gratificação atrasada de maior magnitude (ter saúde) em vez da gratificação imediata de menor magnitude (obter alívio emocional por meio de substâncias psicoativas). No contexto aqui apresentado, possuir *autocontrole* significa manejar os efeitos da pandemia com estratégias de enfrentamento que não tragam efeitos positivos a curto prazo e, ao mesmo tempo, efeitos negativos no longo prazo, como tende a ser o caso do uso de substâncias psicoativas.

No âmbito das relações entre estresse, emoções e enfrentamento, estudos apontam a associação entre a experiência de estados emocionais desagradáveis e o aumento do consumo de substâncias psicoativas, como álcool e outras drogas em vários contextos e faixas etárias, com destaque para a adolescência (Austin et al., 2020; Borloti, 2015; Castilho et al., 2012; Formiga et al., 2021; Gavin et al., 2015; Lopes & Rezende, 2013). No caso da utilização de álcool e de outras drogas na tentativa de evitar ou anular experiências emocionais desagradáveis e ou procurar emoções positivas, bem como tentar amenizar sintomas de depressão e ansiedade, os efeitos a longo prazo podem ser danosos (Petit et al., 2015). Ademais, o uso de substâncias psicoativas para fins de regulação emocional é tido como uma estratégia de enfrentamento com provável desfecho mal-adaptativo.

Determinados estudos de base populacional evidenciaram o aumento no consumo de álcool durante a pandemia de Covid-19, por exemplo, com dados coletados em 33 países da América Latina e Caribe com mais de 12.000 pessoas (Garcia-Cerde et al., 2021), com amostra de mais de 15.000 professores mineiros (Leão et al., 2022) e com mais de 13.000 indivíduos da Austrália (Tran et al., 2020), dados semelhantes aos de outras pesquisas com amostras menores e de contextos diversos (Killgore et al., 2021; Pollard et al., 2020; Sallie et al., 2020). Há divergências na literatura sobre a diferença neste consumo entre os gêneros, ora sendo apontado o incremento do uso dessa substância no contexto pandêmico como sendo maior nas mulheres (Barbosa et al., 2021; Rodriguez et al., 2020), ora nos homens (Thompson et al., 2021), e ora indicando não existir diferença entre gêneros (Malandain et al., 2022).

Além do álcool, o aumento no uso de outras substâncias psicoativas como tabaco, maconha e cocaína também foi reportado no período pandêmico (Mellos & Paparrigopoulos, 2022). Nesse cenário, além das possíveis consequências do uso de substâncias psicoativas já bem documentadas pela literatura (Schulte & Hser, 2014), o uso durante a pandemia coloca os indivíduos em situação de maior risco para o próprio agravamento da doença em caso de contágio pelo coronavírus, aumentando ainda mais o potencial negativo da utilização dessas substâncias (Ornell, Moura et al., 2020; Testino, 2020).

Conhecer como as pessoas são emocionalmente impactadas em um contexto de pandemia, como também as estratégias que utilizam para a regulação emocional, torna-se importante para a proposição de políticas públicas, sobretudo no campo da saúde mental (Farah, 2016; Schmidt et al., 2020). Com isso, salienta-se a Atenção Básica como o nível capaz de ofertar cuidado integral em saúde mental, por sua proximidade com a comunidade local, pela possibilidade de acompanhamento longitudinal, assim como pela criação de vínculo para a construção contínua e compartilhada de condições favoráveis à saúde (Silva et al., 2017), em consonância com as políticas públicas do Sistema Único de Saúde (Portaria nº 3.088, 2011).

Na pandemia, tem-se indicado o papel desse nível de atenção em: identificar as famílias com nível aumentado de sofrimento psíquico, articular intersetorialmente os cuidados necessários a essas pessoas, orientar a população sobre como minimizar os fatores geradores de ansiedade, prevenir possíveis agravamentos do sofrimento psíquico e apoiar as famílias no processo de vivência do luto (Araújo et al., 2020; Nabuco et al., 2020), contribuindo com a redução dos efeitos psicológicos da pandemia, conforme apontado por Cullen e colaboradores (2020).

Levando em conta os efeitos psicossociais da pandemia e as estratégias de regulação emocional utilizadas pelos indivíduos em contextos estressantes, este trabalho analisou os impactos da pandemia nos estados emocionais da população e suas relações com o aumento do consumo de álcool e outras drogas, principalmente objetivando avaliar possíveis diferenças entre os gêneros. Tais dados são parte de uma pesquisa mais ampla, que teve como meta compreender o impacto da pandemia de coronavírus na satisfação das necessidades básicas dos indivíduos e em sua saúde mental.

Método

Participantes

Integraram a pesquisa 2.113 pessoas, acima de 18 anos, residentes em diferentes estados do país. Os critérios de inclusão na amostra foram: 1) ter acima de 18 anos; 2) residir em estado do país; e 3) possuir acesso à internet, que permitisse responder à pesquisa *on-line*.

Instrumento

Foi utilizado um único instrumento, o “Questionário de avaliação de necessidades e consequências da Covid-19”. Em formato de escala *Likert*, os participantes deveriam responder às questões que buscavam compreender o quanto suas necessidades básicas foram ou não atendidas como consequência da pandemia de coronavírus, variando de nada a completamente, em uma escala de 4 pontos. As questões versavam sobre o acesso à alimentação adequada e suficiente, a serviços de saúde e educação, lazer, emprego, renda, entre outros. Além disso,

existiam questões ligadas a percepção da própria saúde mental, englobando estados emocionais como ansiedade, tristeza, irritabilidade, autocontrole, por exemplo; e comportamentos, como insônia, uso de álcool e outras drogas, medicamentos psicotrópicos. Para fins deste trabalho, serão evidenciados os resultados do questionário relacionados somente às questões sobre estados emocionais e consumo de álcool e outras drogas, tendo em vista a amplitude do questionário e a impossibilidade de apresentar e discutir todos os dados neste manuscrito.

Procedimentos

O projeto de pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos (Parecer nº 4.164.486). Os participantes foram recrutados por meio de anúncios em mídias sociais e em grupos de *Whatsapp*, e responderam a um questionário on-line, que ficou aberto para resposta entre os meses de agosto e outubro de 2020. Aqueles que desejassem participar deveriam clicar no link indicado no post. Na sequência, tinham acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e, ao concordarem em participar, preenchiam o questionário da pesquisa. A pesquisa foi realizada totalmente on-line e não houve contato físico entre a equipe de pesquisa e os participantes, objetivando manter o distanciamento social preconizado pelas autoridades como medida para diminuição da transmissão do coronavírus.

Análise dos Dados

A análise dos dados foi feita com apoio do software R (RStudio Team, 2020). Inicialmente, os dados foram explorados e tratados. Nesta etapa, questionários incompletos e com *internet protocol* (IP) de origem repetidos foram excluídos. Sequencialmente, análises descritivas e de frequência foram realizadas com as variáveis do estudo. A seguir, foram conduzidos testes de diferenças entre os participantes homens e mulheres (test *t* para amostras independentes), além de correlação do tipo *r* de Pearson entre as variáveis. Com objetivo de conduzir uma análise relacional das variáveis de consumo de drogas e estados emocionais, foi

realizada uma análise de redes (Epskamp et al., 2012), sendo utilizada a análise do gráfico de expectativa de influência para avaliar a importância das variáveis do modelo.

Resultados

Aspectos Descritivos da Amostra

Dentre os 2.113 participantes, 1.628 (77%) eram do sexo feminino, 457 (21%) do sexo masculino e 28 participantes (2%) preferiram não identificar seu gênero. Quanto à escolaridade, 1.118 (60%) pessoas possuíam ensino superior e 790 (37%), o ensino médio. A etnia predominante autodeclarada da amostra foi de brancos (1.219; 58%), seguida por pardos (639; 30,4%) e pretos (191; 9,15%). No que se refere à renda familiar, 584 (27%) declararam possuir renda entre R\$ 1.045 e R\$ 3.135, seguidos por 492 participantes (23,5%) com renda entre R\$ 3.136 e R\$ 6.270 reais e 319 (15,21%) com renda acima de R\$ 16.586. O estado civil predominante da amostra foi de solteiros (1.038; 49,50%), seguido por casados (691; 32,96%) e em união estável (201; 9,59%).

No que concerne ao uso de substâncias psicoativas, 1.077 participantes (41%) relataram fazer uso de álcool, 157 (7,4%) fazer uso de outras drogas e 475 (22,5%) fazer uso de psicotrópicos, compondo pouco mais de 70% da amostra com uso de alguma substância psicoativa. No contexto da pandemia de Covid-19, 206 pessoas (10%) afirmaram ter aumentado o consumo de álcool, 118 (5,6%) incrementar o uso de drogas psicotrópicas e 36 (1,7%) ampliar o uso de outras drogas.

Estados Emocionais e Uso de Substâncias entre Homens e Mulheres

A Tabela 1 apresenta descritivas de média, desvio-padrão e teste de diferenças entre homens e mulheres a respeito dos estados emocionais e problemas psicológicos experimentados durante a pandemia, como também sobre o uso de álcool, outras drogas e psicotrópicos nesse contexto.

Tabela 1

Médias e Comparações Entre Homens e Mulheres em Relação aos Estados Emocionais e Uso de Drogas Durante a Pandemia

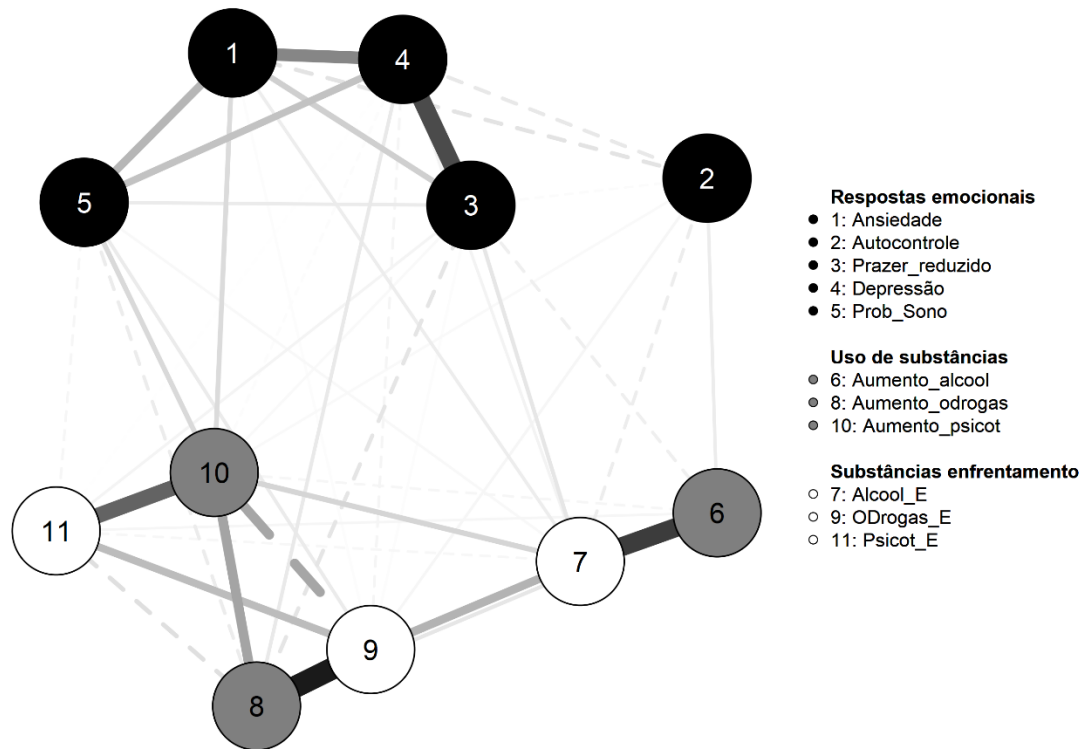
	Sex	N	M	Dp	T	df	p	Cohen
Estados emocionais								
Ansiedade	H	457	2.51	1.03	-5.35	208	< .001	-0.28
	M	1.629	2.80	1.01				
Autocontrole	H	457	2.66	1.02	3.01	208	0.002	0.16
	M	1.629	2.50	0.97				
Prazer diminuído	H	457	2.44	1.06	-3.11	208	0.002	-0.16
	M	1.629	2.61	1.05				
Depressão	H	457	2.25	1.08	-3.91	208	< .001	-0.20
	M	1.629	2.47	1.04				
Problemas com sono	H	457	2.26	1.15	-3.91	208	< .001	-0.20
	M	1.629	2.50	1.14				
Uso de álcool, outras drogas e psicotrópicos								
Aumento do uso de álcool	H	257	1.44	0.72	-3.12	106	0.002	-0.22
	M	812	1.62	0.81				
Uso de álcool como estratégia de <i>coping</i> para lidar com as emoções	H	257	1.71	0.76	-1.93	106	0.053	-0.13
	M	812	1.82	0.79				
Aumento do uso de outras drogas	H	53	1.69	0.84	0.43	153	0.668	0.07
	M	102	1.63	0.83				
Uso de outras drogas como estratégia de <i>coping</i> para lidar com as emoções	H	53	2.26	0.73	1.28	153	0.201	0.21
	M	102	2.09	0.77				
Aumento do uso de psicotrópicos	H	79	1.58	0.77	-1.41	469	0.157	-0.17
	M	392	1.73	0.85				
Uso de psicotrópicos como estratégia de <i>coping</i> para lidar com as emoções	H	79	2.19	0.73	0.20	469	0.836	0.02
	M	392	2.17	0.74				

Conforme descrito na Tabela 1, diversos estados emocionais se apresentam acima da média de referência de 2.0 (considerando pontuação máxima de 4.0), com destaque para o nervosismo e a ansiedade (homens e mulheres), bem como para o prazer diminuído no grupo de mulheres. Em todos os estados emocionais avaliados pelo questionário, as pontuações das mulheres foram mais elevadas que as dos homens, incluindo menor percepção de autocontrole. No que diz respeito ao uso de substâncias, constata-se que o consumo do álcool de forma recreativa permaneceu estável na percepção dos participantes, mas o seu uso com finalidade de enfrentamento (*coping*) das emoções aumentou tanto no grupo de homens quanto de mulheres durante o período pandêmico.

Análise de Redes

A partir da análise de correlações do tipo *r* de Pearson, identificou-se correlações acima de 0,40 entre os estados emocionais de depressão, ansiedade, prazer diminuído e problemas de sono. De modo oposto, identificou-se que o autocontrole se relacionou negativamente com estes estados (valores correlação entre 0,12 e 0,20; $p < 0,001$). Por sua vez, a ansiedade, a depressão, a perda de prazer e os problemas de sono se associaram principalmente com aumento do uso de álcool e de drogas psicotrópicas (valores de correlação entre 0,20 e 0,27; $p < 0,001$).

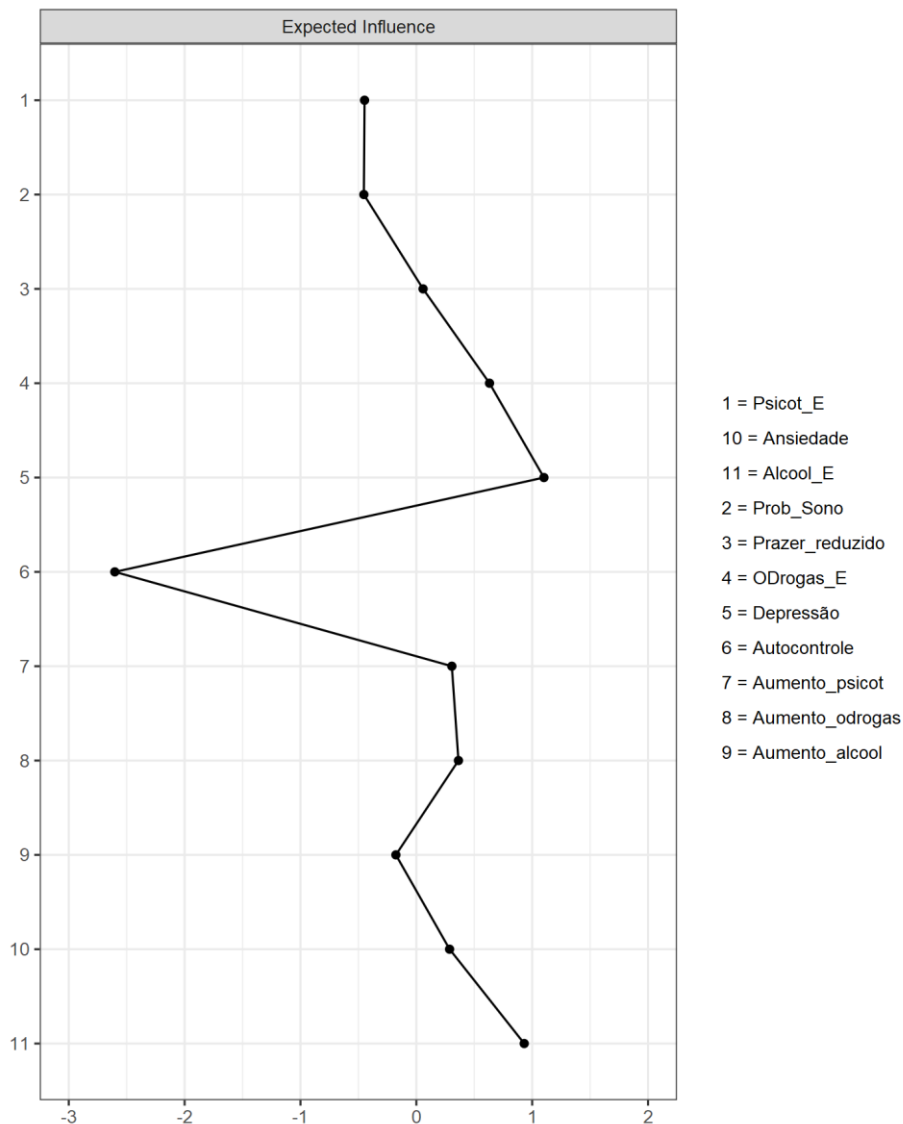
A Figura 1 exibe, pela análise de redes, o modelo estimado de interação entre os estados emocionais (ansiedade, autocontrole, prazer reduzido, depressão e problemas de sono), o consumo de substâncias psicoativas (álcool, outras drogas e psicotrópicos) e o seu uso para enfrentar emoções negativas.

Figura 1*Análise de Redes*

Percebe-se, a partir do gráfico de redes, que os estados emocionais de ansiedade, depressão, prazer reduzido e problemas de sono são associados entre si, bem como o autocontrole que se opõe a depressão e ansiedade. Identifica-se, ainda, que o aumento do uso de substâncias psicoativas é associado ao alívio de tensão, ansiedade e preocupações. Por fim, constata-se que a elevação do uso de drogas psicotrópicas se destaca na associação das redes com problemas de sono e de ansiedade.

Figura 2

Gráfico de Expectativa de Influência



A partir da análise de influência esperada (Figura 2), identifica-se que o estado emocional percebido de depressão e o consumo de álcool para alívio de tensões são as variáveis de maior influência no sistema. De modo inverso, a percepção de autocontrole tem a capacidade de influenciar opostamente o relacionamento das variáveis. Em síntese, percebe-se que o autocontrole pode ser um fator importante para a gestão das emoções negativas e do consumo de substâncias psicoativas, ao passo que os estados de humor deprimido e o aumento

do uso de álcool tem o potencial de integrar ou ativar outros estados emocionais. Do mesmo modo, podem estimular o uso de outras substâncias.

Discussão

Os resultados obtidos nesta pesquisa demonstram diferenças importantes de gênero na vivência e na experiência de estados emocionais durante a pandemia, consoante com outros trabalhos da literatura que apontaram efeitos psicológicos mais severos nas mulheres (Ahuja et al., 2020; Ausín et al., 2021). Em nossa amostra, elas tiveram pontuações mais elevadas nos diversos estados emocionais avaliados (ansiedade e depressão), mais problemas com o sono, diminuição de prazer e menor senso de autocontrole em comparação com os homens. Um dos principais efeitos da pandemia é a sobrecarga das famílias (Lebow, 2020). Por isso, as diferenças aqui encontradas podem ser avaliadas à luz do impacto diferenciado da pandemia sobre os gêneros feminino e masculino, sobretudo no que se refere à sobrecarga das mulheres nesse período, conforme mostram algumas pesquisas (Sempreviva Organização Feminista, 2021; Siqueira et al., 2020).

Pode-se inferir que os padrões de socialização das emoções, ensinados e compartilhados de maneira distinta entre homens e mulheres, contribuem para que estas últimas reconheçam, identifiquem e expressem seus estados emocionais com mais facilidade que homens. Os homens, desde muito cedo, são ensinados que emoções como tristeza, medo e vergonha não devem ser partilhadas, dado que isso pode significar a perda de controle (Santos, 2015). Esse padrão de socialização que promove aprendizagens sobre como lidar com os próprios estados emocionais também pode ter favorecido as diferenças encontradas entre os participantes desta pesquisa no que se refere ao gênero.

Outra possível explicação é a de que a experiência de tais estados emocionais entre as mulheres pode estar relacionada com o aumento da exposição à violência doméstica, que cresceu no país no período pandêmico, segundo realçado por Marques et al. (2020). Entretanto, a exposição à violência doméstica ou o seu aumento durante a pandemia não foi avaliado pelo questionário proposto nesta pesquisa.

Tendo em vista a experiência de estados emocionais indesejáveis, as mulheres da amostra estudada recorreram mais ao uso de psicotrópicos como estratégia de regulação emocional, na possível tentativa de aliviar tais estados ou amenizar suas consequências (Formiga et al., 2021). Enfatiza-se o papel do autocontrole (Rotter, 1966), isto é, da percepção da própria capacidade de alterar o curso dos eventos, que foi experimentado com menos intensidade em relação às mulheres, o que, por conseguinte, pode ter contribuído com o aumento deste consumo.

Na amostra como um todo, os estados emocionais de ansiedade, depressão, perda de prazer e problemas de sono (que podem ser entendidos como parte dos efeitos psicológicos de pandemias, tal como salientado por Brooks et al., 2020), além de se associarem entre si, demonstrando as interrelações entre esses estados mentais, também se associaram principalmente com o aumento do uso de álcool e o uso de drogas psicotrópicas no período pandêmico, fenômeno já documentado em outros trabalhos da área (Garcia-Cerde, et al., 2021; Killgore et al., 2021; Leão et al., 2022; Mellos & Paparrigopoulos, 2022; Pollard et al., 2020; Sallie et al., 2020; Tran et al., 2020). Nesse mesmo sentido, o aumento do consumo de substâncias psicoativas se associou ao uso para o alívio da tensão, da ansiedade e das preocupações, como já foi demonstrado pela literatura, que ocorre em períodos de crise (Ornell, Moura et al., 2020). Infere-se, portanto, que a pandemia trouxe como um dos seus efeitos o aumento da experiência de estados emocionais desagradáveis, o que intensificou o uso de drogas como estratégia de regulação das emoções, como ressaltado por Rodriguez et al. (2020).

Sabe-se que a utilização de substâncias psicoativas para o alívio de estados emocionais pode trazer impactos negativos à saúde física e mental dos sujeitos (Schulte & Hser, 2014). Por isso, se os efeitos da pandemia no dia a dia das pessoas se prolongam no tempo e os sujeitos continuam fazendo uso de drogas para alívio de estados emocionais negativos, tal uso pode se configurar como uma estratégia de enfrentamento com efeitos mal-adaptativos a longo prazo requerendo, portanto, atenção no campo das políticas públicas em saúde mental (Portaria nº 3.088, 2011; Farah, 2016).

O autocontrole destacou-se no modelo como uma variável que fez oposição à depressão e à ansiedade. Isto significa que, quanto mais os sujeitos percebem que têm controle sobre as situações que vivenciam na pandemia, menos vulneráveis se tornam ao sofrimento mental e vice-versa. Ressalta-se a importância de intervenções em saúde mental que ensinem outras estratégias de autorregulação emocional aos indivíduos e aos grupos populacionais, de forma que possam gerir alternativamente as emoções desagradáveis vivenciadas no contexto pandêmico, como também aumentar seu senso de autocontrole frente aos estressores típicos desse período (Campion et al., 2020).

As políticas públicas no campo da Atenção Básica têm por função, justamente, propor soluções para os problemas de saúde que se apresentam na sociedade, favorecendo o reconhecimento das necessidades da população e propondo intervenções articuladas no território, tal como indicado por Silva et al. (2017). Recomenda-se que, no período pandêmico, este nível de atenção em saúde inclua, além da proposição de intervenções voltadas a redução dos estados emocionais adversos causados pela pandemia, conforme já indicado por Araújo et al. (2020) e Nabuco et al. (2020), ações para melhorar o enfrentamento da população, contribuindo com a redução do consumo prejudicial de substâncias psicoativas neste período (Cullen et al., 2020).

Como limitações deste estudo, indica-se a predominância de respondentes de um dos estados da federação, o fato de a amostra ter sido obtida por conveniência e de não apresentar homogeneidade em relação às características sociodemográficas, com destaque para a escolaridade – predominância de ensino superior na amostra, o que não reflete a situação da população brasileira. Assim sendo, os resultados obtidos não podem ser generalizados para toda a população do país.

Conclusão

A pandemia de Covid-19 trouxe inúmeros impactos para a vida social e, dentre eles, destacam-se os seus efeitos na saúde mental da população, sobretudo em relação ao aumento de experiências emocionais desagradáveis. A pesquisa proposta identificou diferenças importantes de gênero na experiência subjetiva dos efeitos emocionais da pandemia, bem como o aumento do consumo de substâncias psicoativas (álcool, outras drogas e psicotrópicos) como estratégia de regulação emocional neste período.

Os dados sobre o aumento do consumo de substâncias psicoativas durante a pandemia foram significativos entre toda a amostra pesquisada, principalmente no caso das mulheres. Indica-se o incremento de ações de prevenção em saúde mental pela via da Atenção Básica nesse período (tendo em vista a perspectiva de gênero), voltadas para a diminuição dos possíveis efeitos da pandemia na saúde das populações, com possíveis impactos positivos a longo prazo. Novas pesquisas poderão avaliar os efeitos dessas intervenções na redução do consumo de substâncias psicoativas no período pandêmico.

Referências

- Ahuja, P., Syal, G., & Kaur, A. (2020). Psychological stress: Repercussions of COVID–19 on gender. *Journal of Public Affairs*, 21(3), Artigo e2533. <https://doi.org/10.1002/pa.2533>
- Antoniazzi, A. S., Dell'Aglio, D. D., & Bandeira, D. R. (1998). O conceito de coping: Uma revisão teórica. *Estudos de Psicologia*, 3(2), 273–294. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X1998000200006>
- Aquino, E. M. L., Silveira, I. H., Pescarini, J. M., Aquino, R., Souza-Filho, J. A., Rocha, A. S., Ferreira, A., Victor, A., Teixeira, C. Machado, D. B., Paixão E., Alves, F.J. O., Pileco, F., Menezes, G., Gabrielli, L., Leite, L., Almeida, M. C. C., Ortelan, N., Fernandes, Q. H. R. F., . . . Lima, R. T. R. S. (2020). Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil. *Ciência Saúde Coletiva* 25(supl 1), 2423–2446. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.10502020>
- Araújo, M. P. B., Pacciullo, A. L. M., Montanha, L. T., Emerich, B. F., Pellati, G., & Campos, R. O. (2020). Pandemia de COVID-19 e a implementação de teleatendimentos em saúde mental: um relato de experiência na Atenção Básica. *Saúde em Redes*, 6(supl 2), 7–13. <https://doi.org/10.18310/2446-4813.2020v6n2Supp23-29>
- Ausín, B., González-Sanguino, C., Castellanos, M. Á, & Muñoz, M. (2021). Gender-related differences in the psychological impact of confinement as a consequence of COVID-19 in Spain. *Journal of Gender Studies*, 30(1), 29–38. <https://doi.org/10.1080/09589236.2020.1799768>
- Austin, H. R. T., Notebaert, L., Wiers, R. W., Saleminck, E., & MacLeod, C. (2020). Potions for Emotions: Do self-reported individual differences in negative-emotional drinking predict alcohol consumption in the laboratory following exposure to a negative

- experience? *Addictive Behaviors Reports*, 11, 100243. <https://doi.org/10.1016/j.abrep.2019.100243>
- Barbosa, C., Cowell, A. J., & Dowd, W. N. (2021). Alcohol consumption in response to the COVID-19 pandemic in the United States. *Journal of Addiction Medicine*, 15(4), 341–344. <https://doi.org/10.1097/ADM.0000000000000767>
- Borloti, E. (2015). Análise de fatores de risco e de proteção para o uso de drogas. In E. Borloti, R. R. Q. Balbi-Neto, A. R. Machado, & A. P. Andrade (Orgs.). *Crack, álcool e outras drogas: Estratégias de intervenção para a formação permanente* (pp. 99–126). GM.
- Brasil (2020a, 26 de fevereiro). Brasil confirma primeiro caso do novo coronavírus. *Portal de notícias do governo federal*. <https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2020/02/brasil-confirma-primeiro-caso-do-novo-coronavirus>
- Brasil (2020b, 21 de março). Ministério da Saúde declara transmissão comunitária nacional. *Ministério da Saúde: Portal de notícias*. <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2020/marco/ministerio-da-saude-declara-transmissao-comunitaria-nacional>
- Brooks, S. K., Webster, R. K., Smith, L. E., Woodland, L., Wessely, S., Greenberg, N., & Rubin, G. J. (2020). The psychological impact of quarantine and how to reduce it: Rapid review of the evidence. *Lancet*, 395(10227), 912–920. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30460-8](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30460-8)
- Campion, J., Javed, A., Sartorius, N., & Marmot, M. (2020). Addressing the public mental health challenge of COVID-19. *Lancet Psychiatry*, 7(8), 657–659. [https://doi.org/10.1016/S2215-0366\(20\)30240-6](https://doi.org/10.1016/S2215-0366(20)30240-6)
- Castilho, J. A. G., Dias, P. C., & Castelar-Perim, P. (2012). Autorregulação e consumo de substâncias na adolescência. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 25(2), 238–247. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722012000200005>

- Chatterjee, K., & Chauhan, V. S. (2020). Epidemics, quarantine and mental health. *Medical Journal Armed Forces India*, 76(2), 125–127. <https://doi.org/10.1016/j.mjafi.2020.03.017>
- Choi, K. R., Heilemann, M. V., Fauer, A., & Mead, M. (2020). A second pandemic: Mental health spillover from the novel coronavirus (COVID 19). *Journal of the American Psychiatric Nurses Association*, 26(4), 340–343. <https://doi.org/10.1177/1078390320919803>
- Comitê Permanente Interagências. (2007). *Diretrizes do IASC sobre Saúde Mental e Apoio Psicossocial em Emergências Humanitárias*. https://interagencystandingcommittee.org/system/files/iasc_mhpss_guidelines_portuguese.pdf
- Cullen, W., Gulati, G., & Kelly, B. D. (2020). Mental health in the COVID-19 pandemic. *QJM: An International Journal of Medicine*, 113(5), 311–312. <https://doi.org/10.1093/qjmed/hcaa110>
- Duarte, M. Q., Santo, M. A. S., Lima, C. P., Giordani, J. P., & Trentini, C. M. (2020). Covid-19 and the impacts on mental health: A sample from Rio Grande do Sul, Brazil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25(9), 3401–3411. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020259.16472020>
- Epskamp, S., Cramer, A. O. J., Waldorp, L. J., Schmittmann, V. D., & Borsboom, D. (2012). Qgraph: Network visualizations of relationships in psychometric data. *Journal of Statistical Software*, 48(4), 1–18. <https://doi.org/10.18637/jss.v048.i04>
- Farah, M. F. S. (2016). Análise de políticas públicas no Brasil: De uma prática não nomeada à institucionalização do “campo de públicas”. *Revista de Administração Pública*, 50(6), 959–979. <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/64710>

- Fiocruz (2021). *Boletim Observatório da COVID-19: colapso do Sistema de Saúde*
https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/boletim_extraordinario_2021-marco-23-red-red.pdf
- Formiga, M. B., Galdino, M. K. C., Vasconcelos, F. C., Neves, J. W. J. S., & Lima, M. D. C. (2021). Executive functions and emotion regulation in substance use disorder. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 70(3), 236–244. <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000331>
- Garcia-Cerde R., Valente J. Y., Sohi, I., Falade, R., Sanchez, Z. M., & Monteiro, M. G. (2021). Alcohol use during the COVID-19 pandemic in Latin America and the Caribbean. *Pan American Journal of Public Health*, 45, Artigo e522021. <https://doi.org/10.26633/RPSP.2021.52>
- Gavin, R. S., Reisdorfer, E., Gherardi-Donato, E. C. S., Reis, L. N., & Zanetti, A. C. G. (2015). Associação entre depressão, estresse, ansiedade e uso de álcool entre servidores públicos. *Revista Eletrônica Saúde Mental, Álcool e Drogas*, 11(1), 1–9. <https://doi.org/10.11606/ISSN.1806-6976.V11I1P2-9>
- Hanna, E. S., & Todorov, J. C. (2002). Modelos de autocontrole na análise do comportamento: Utilidade e crítica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18(3), 337–343. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722002000300014>
- Holmes, E. A., O'Connor, R. C., Perry, V. H., Tracey, I., Wessely, S., Arseneault, L., Ballard, C., Christensen, H., Silver, R. C., Everall, I., Ford, T., John, A., Kabir, T., King, K., Madan, I., Michie, S., Przybylski, A. K., Shafran, R., Sweeney, A., . . . Bullmore, E. (2020). Multidisciplinary research priorities for the COVID-19 pandemic: A call for action for mental health science. *Lancet Psychiatry*, 7(6), 547–560. [https://doi.org/10.1016/S2215-0366\(20\)30168-1](https://doi.org/10.1016/S2215-0366(20)30168-1)

- Killgore, W. D. S., Cloonan, S. A., Taylor, E. C., Lucas, D. A., & Dailey, N. S. (2021). Alcohol dependence during COVID-19 lockdowns. *Psychiatry Research*, 296, 113676. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2020.113676>
- Kumar, A., & Nayar, K. R. (2020). COVID 19 and its mental health consequences. *Journal of Mental Health*, 30(3), 1–2. https://doi.org/https://www.researchgate.net/publication/340954951_COVID_19_and_its_mental_health_consequences
- Lazarus, R. S., & Folkman, S. (1984). *Stress, appraisal and coping*. Springer Publishing Company.
- Leão, A. C., Silva, N. S. S., Messias, R. B., Haikal, D. S., Silveira, M. S., Pinho, L., Silva, R. R. V., & Brito, M. F. S. F. (2022). Consumo de álcool em professores da rede pública estadual durante a pandemia da COVID-19. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 71(1), 5–15. <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000368>
- Lebow, J. L. (2020). Family in the age of COVID-19. *Family Process*, 59(2), 309–312. <https://doi.org/10.1111/famp.12543>
- Linehan, M. M. (2018). *Treinamento de Habilidades em DBT – Manual de Terapia Comportamental Dialética para o Terapeuta* (2ª ed.). Artmed.
- Lopes, A. P., & Rezende, M. M. (2013). Ansiedade e consumo de substâncias psicoativas em adolescentes. *Estudos de Psicologia*, 30(1), 49–56. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2013000100006>
- Lorente-Acosta, M. (2020). Violencia de género en tiempos de pandemia y confinamiento. *Revista Espanhola de Medicina Legal*, 46(3), 139–145. <https://doi.org/10.1016/j.reml.2020.05.005>

- Lyons, D., Frampton, M., Naqvi, S., Donohoe, D., Adams, G., & Glynn, K. (2020). Fallout from the COVID-19 pandemic: Should we prepare for a tsunami of post viral depression? *Irish Journal of Psychological Medicine*, 37(4), 295–300. <https://doi.org/10.1017/ipm.2020.40>
- Malandain, L., Fountoulakis, K. N., Syunyakov, T., Malashonkova, E., Smirnova, D., & Thibaut F. (2022). Psychoactive substance use, internet use and mental health changes during the COVID-19 lockdown in a French population: A study of gender effect. *Frontiers in Psychiatry*, 22(13), 1–10. <https://doi.org/10.3389/fpsyt.2022.958988>
- Marques, E. S., Moraes, C. L., Hasselman, M. H., Deslanders, S. F., & Reichenheim, M. E. (2020). A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela COVID-19: Panorama, motivações e formas de enfrentamento. *Cadernos de Saúde Pública*, 36(4), Artigo e00074420. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00074420>
- Mellos, E., & Paparrigopoulos, T. (2022). Substance use during the COVID-19 pandemic: What is really happening? *Psychiatriki*, 33(1), 17–20. <https://doi.org/10.22365/jpsych.2022.072>
- Nabuco, G., Oliveira, M. H. P. P., & Afonso, M. P. D. (2020). O impacto da pandemia pela COVID-19 na saúde mental: Qual é o papel da Atenção Primária à Saúde? *Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade*, 15(42), 1–11. [https://doi.org/10.5712/rbmfc15\(42\)2532](https://doi.org/10.5712/rbmfc15(42)2532)
- Nelis, D., Quoidbach, J., Hansenne, M., & Mikolajczak, M. (2011). Measuring individual differences in emotion regulation: The emotion regulation profile-revised (ERP-R). *Psychologica Belgica*, 51(1), 49–91. <https://doi.org/10.5334/pb-51-1-49>
- Ornell, F., Moura, H. F., Scherer, J. N., Pechansky, F., Kessler, F. H. P., & Diemen, L. V. (2020). The COVID-19 pandemic and its impact on substance use: Implications for

- prevention and treatment. *Journal of Psychiatric Research*, 289, 113096. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2020.113096>
- Ornell, F., Schuch, J. B., Sordi, A. O., & Kessler, F. H. P. (2020). "Pandemic fear" and COVID-19: Mental health burden and strategies. *Brazilian Journal of Psychiatry*, 42(3), 232–235. <https://doi.org/10.1590/1516-4446-2020-0008>
- Petit, G., Luminet, O., Maurage, F., Tecco, J., Lechantre, S., Ferauge, M., Gross, J. J., & Timary, P. (2015). Emotion regulation in alcohol dependence. *Alcoholism Clinical and Experimental Research*, 39(12), 2471–2479. <https://doi.org/10.1111/acer.12914>
- Pollard, M. S., Tucker, J. S., & Green, H. D. (2020) Changes in adult alcohol use and consequences during the COVID-19 pandemic in the US. *JAMA Network Open*, 3(9), Artigo e2022942. <https://doi.org/10.1001/jamanetworkopen.2020.22942>
- Portaria nº 3.088 de 23 de Dezembro de 2011. (2011): *Institui a Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS)*. Ministério da Saúde, Brasília. https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/prt3088_23_12_2011_rep.html
- Ramos, F. P., Enumo, S. R. F., & Paula, K. M. P. (2015). Teoria Motivacional do *Coping*: Uma proposta desenvolvimentista de análise do enfrentamento do estresse. *Estudos de Psicologia*, 32(2), 269–280. <https://doi.org/10.1590/0103-166X2015000200011>
- Rodriguez, L. M., Litt, D. M., & Stewart, S. H. (2020). Drinking to cope with the pandemic: The unique associations of COVID-19-related perceived threat and psychological distress to drinking behaviors in American men and women. *Addictive Behaviors*, 110, 1–7. <https://doi.org/10.1016/j.addbeh.2020.106532>

- Rotter, J. B. (1966). Generalized expectancies for internal versus external control of reinforcement. *Psychological Monographs*, 80(1), 1–28. <https://doi.org/10.1037/h0092976>
- RStudio Team. (2020). *RStudio: Integrated Development for R*. RStudio [Computer software]. RStudio.
- Sallie, S. N., Ritou, V., Bowden-Jones, H., & Voon, V. (2020). Assessing international alcohol consumption patterns during isolation from the COVID-19 pandemic using an online survey: highlighting negative emotionality mechanisms. *BMJ Open*, 10(11), Artigo e044276. <https://doi.org/10.1136/bmjopen-2020-044276>
- Santos, L. (2015). Homens e expressão emocional e afetiva: vozes de desconforto associadas a uma herança instituída. *Configurações: Revista de Sociologia*, 27, 31–48. <https://doi.org/10.4000/configuracoes.2593>
- Schmidt, B., Crepaldi, M. A., Bolze, S. D. A., Neiva-Silva, L., & Demenech, L. M. (2020). Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19). *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 37, Artigo e200063. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200063>
- Schulte, M.T., & Hser, Y. (2014). Substance use and associated health conditions throughout the lifespan. *Public Health Review*, 35(2), 1–23. <https://doi.org/10.1007/BF03391702>
- Sempreviva Organização Feminista (2021). *Sem parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia*. https://mulheresnapandemia.sof.org.br/wp-content/uploads/2020/08/Relatorio_Pesquisa_SemParar.pdf
- Silva, G., Iglesias, A., Dalbello-Araújo, M., & Badaró-Moreira, M. I. (2017). Práticas de cuidado integral para personas en sufrimiento mental en la Atención Primaria. *Psicologia Ciência e Profissão* [online], 37(2), 404–417. <https://doi.org/10.1590/1982-3703001452015>

- Siqueira, H. C. B., Silva, V. O. B., Pereira, A. L. S., Guimarães, J. D., Fo., & Silva, W. R. (2020). Pandemia de COVID-19 e gênero: Uma análise sobre a perspectiva do princípio constitucional da isonomia. *Psicologia & Saberes*, 9(18), 216–226. <https://revistas.cesmac.edu.br/psicologia/article/view/1230/972>
- Testino, G. (2020). Are patients with alcohol use disorders at increased risk for Covid-19 infection? *Alcohol and Alcoholism*, 55(4), 344–346. <https://doi.org/10.1093/alcalc/agaa037>
- Thompson, K., Dutton, D. J., MacNabb, K., Liu, T., Blades, S., & Asbridge, M. (2021). Changes in alcohol consumption during the COVID-19 pandemic: Exploring gender differences and the role of emotional distress. *Health Promotion & Chronic Disease Prevention in Canada: Research, Policy & Practice*, 41(9), 254–263. <https://doi.org/10.24095/hpcdp.41.9.02>
- Tran, T. D., Hammarberg, K., Kirkman, M., Nguyen, H. T. M., & Fisher, J. (2020). Alcohol use and mental health status during the first months of COVID-19 pandemic in Australia. *Journal of Affective Disorders*, 277(1), 810–813. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2020.09.012>